



CORPO DE DELITO

Consenso, modo de usar

O consenso é como as facas de cozinha, que tanto servem para descascar batatas para a sopa que alimenta como para rasgar o ventre ou o peito e matar



Rui Patrício

Como quase todas as coisas deste mundo, o consenso pode ser virtude ou pecado, bom ou mau, saúde ou doença. Depende do uso que se lhe der, do valor que se lhe atribuir, do modo como for encarado. Tanto pode ser instrumento de equilíbrio e método virtuoso como bengala dos fracos, protecção dos inertes e dos preguiçosos, arma dos perversos ou esconderijo dos canalhas. O consenso é como as facas de cozinha, que tanto servem para descascar batatas para a sopa que alimenta como para rasgar o ventre ou o peito e matar.

O consenso não é um sistema de votação, é uma alternativa à votação. Procura-se que todos participem na tomada de decisão e que a decisão tenha o acordo, ou pelo menos a não oposição, de todos. Trata-se de um método vir-

tuoso, por duas razões: por um lado, baseia-se na participação de todos e estimula-a, por outro, a decisão tomada, sendo consensual, tem mais força e é também mais facilmente acatada. Mas se tem esta faceta virtuosa – a que se pode acrescentar o estímulo que dá à negociação, ao respeito e à ponderação –, o consenso pode também ser perverso. Em primeiro lugar, torna-se perverso se, em vez de um método, for um fim em si mesmo. Ou seja, se em vez de se procurar tomar as decisões necessárias para um país, uma instituição, uma empresa ou uma família por consenso, se transformar o consenso no objectivo da vida desses grupos de pessoas: tudo se faz para o consenso, e não por consenso. Se o objectivo é o consenso e tudo gira em volta dele, isso pode significar que nada ou pouco se faz, que nada ou pouco se decide, que não se pensa no que é preciso fazer, gastando o tempo e a energia com o consenso. Daí até à paralisia ou à tomada de decisões erradas pode ir um passo curto.

E o mesmo pode acontecer se – mesmo tendo claro que o consenso é apenas um método, e não um fim – ele for método único e universal, ou seja, se se

admitir que apenas possa haver decisões por consenso. Se não houver consenso, então não se decide. Desse modo, pode chegar-se à mesma paralisia, ao mesmo imobilismo, à mesma tomada de decisões erradas. E esse é também o terreno fértil para os fracos, os astutos e mesmo os canalhas. Os primeiros, sempre com medo de decidir, de afirmar o que pensam, de romper e de fracturar, refugiam-se no consenso. Os astutos medem os seus objectivos, traçam a sua agenda e, sendo o consenso uma exigência absoluta, basta-lhes dizer que não concordam, basta-lhes evitar o consenso, e conseguem o que querem ou vetam o que não querem. Quanto aos canalhas, são como os astutos, mas com duas diferenças: uma, os seus objectivos e a sua agenda são mais perversos; outra, manipulam os fracos, e estes não percebem ou, mesmo percebendo, são reféns da sua fraqueza. Todos conhecemos exemplos, de comunidades amplas como a ONU, passando por intermédias como as empresas, a nucleares como as famílias. Por isso é que votar, romper e fracturar é às vezes necessário e saudável. E um antídoto contra a paz podre. *Advogado. Escreve ao sábado*



O consenso é como as facas: tanto servem para descascar batatas como para rasgar o ventre